

## ENTREVISTA

Entrevistador: Leandro Augusto Pires Gonçalves

Entrevistado: José Luís Fiori

Iniciada às 16:26 horas do dia 09/12/2016

Entrevista realizada no espaço central do campus Praia Vermelha da UFRJ, em um café.

Tempo de entrevista: 1h 34min 59 seg.

-----

**(LG) A minha pesquisa se trata de uma Tese de Doutorado e vou falar, nela, sobre a história do IMS [Instituto de Medicina Social]. A ideia surgiu no evento de comemoração dos quarenta anos do Instituto, em 2014, por uma série de coisas que apareceram ali: trata-se de uma história rica, complexa e nada óbvia, muito sinuosa. Então, chegando à sua história no Instituto, estive lendo em outra entrevista sua, feita há cerca de dois anos, onde você disse ter chegado ao IMS após ter vindo do Chile e ter passado por outras instituições: passou pela USP, recusou uma ida ao IMS... Quería que você falasse um pouco sobre essa sua chegada ao Instituto: quem foi que te convidou para ir ao IMS, como foi feito esse convite?**

(JLF) Minha relação com o IMS começa exatamente em dezembro de 1973. Eu tinha saído do Chile e passei um tempo em Porto Alegre para regularizar a minha documentação: título eleitoral, certificado militar... eu não tinha nada disso. Eu me exilei muito jovem. Portanto, cheguei em Porto Alegre em Outubro e em Novembro me falaram de um concurso na USP [Universidade de São Paulo]. Fui e fiz o concurso, depois vim ao Rio passar um fim de semana. Ao me preparar para ir a Buenos Aires, que era onde eu pretendia me instalar, uma cidade que eu gostava, me tocou jantar com uma pessoa que me perguntou se eu precisava de emprego. Eu respondi que sim, e ela disse: “eu

tenho um emprego para você, se quiser”. Eu perguntei: “onde é que você tem emprego?”, ele disse: “Instituto de Medicina Social”. Então, falei: “não, de jeito nenhum, não gosto de Medicina, e não entendo nada deste assunto”, e fui para Buenos Aires. Essa pessoa era o Arlindo Fábio de Souza, que é lá da ENSP [Escola Nacional de Saúde Pública], a quem eu fui ver para dar a notícia do seu irmão, que estava no Chile e que era meu grande amigo, de que estava vivo. Nesta época era muito comum, quando se saía do Chile, logo depois do golpe, procurar os parentes das pessoas conhecidas para dar notícia dos seus parentes que viviam lá e que seguiam vivos.

Em Buenos Aires, vi que a situação política, durante o último governo de Peron, e um pouco antes de sua morte, era insustentável. Já se percebia no horizonte a vinda de um novo golpe de estado, o que para mim já seria o terceiro em menos de dez anos. Resolvi, então, sair de lá e voltar para o Brasil. Eu tinha um convite que me havia sido feito por Paulo Freire, com quem eu havia trabalhado no Chile e de quem era grande amigo, apesar da nossa diferença de idades, para trabalhar na UNESCO [Organização das Nações Unidas para a educação, a ciência e a cultura]. Mas o convite só se concretizou mais tarde quando eu já havia deixado a Argentina e decidido viver no Rio. Quando eu voltei, havia ganho o concurso na USP, mas eu optei por viver no Rio de Janeiro. Ainda em Buenos Aires, eu tinha ligado para o Arlindo, perguntando se o convite ainda estava valendo. Ele disse que sim e eu falei: “então segura aí que estou voltando”. Passei em São Paulo, assumi meu cargo como professor da USP, na área de Ciência Política, e vim me instalar no Rio de Janeiro. Cheguei no Rio em janeiro de 74, Arlindo fez a “ponte” e acabei encontrando o Hésio [Cordeiro] e a Nina [Pereira Nunes]. Foi aí que eles me fizeram a proposta concreta de trabalhar no IMS, para ajudar a pensar e formular uma pós-graduação em Medicina Social. O Instituto havia sido criado alguns anos antes – imagino que o Hésio já tenha te contado esta história deles: dele, da Nina, do Moyses Szklo, do Doutor Piquet [Carneiro], Nelson Moraes, etc. Mas quando eu cheguei, em 74, eles estavam começando a conceber a pós-graduação, e eles me convidaram para que eu os ajudasse nessa construção. Eu já contei em outras oportunidades a história de um jantar lá em Copacabana, que é muito divertida: fomos jantar os 3 [ele, Hésio e Nina]; depois do jantar eu perguntei a eles: “tenho duas perguntas a fazer para vocês

antes de tomar qualquer decisão: a primeira, o que é Medicina Social?”, ao que o Hésio riu muito e respondeu: “é para responder a essa pergunta que a gente está te contratando”. Então eu disse: “tá legal. Eu pensei que a compensação de trabalhar na área de medicina, que eu não gosto, seria encontrar aí as coisas claras... pelo menos, mais claras do que no campo sempre difuso das ciências sociais. Mas, agora, já estou entendendo que aportei de novo em uma área confusa, pouco precisa, onde sempre estive... tenho a segunda pergunta: quanto é que vocês pagam?”. Eles responderam: “isso temos que ver”, e eu disse: “não, não, isso não temos que ver. A primeira, sobre Medicina Social, tudo bem que ninguém saiba... Agora, o meu salário eu preciso saber pois eu não tenho mais nenhum ‘tostão’” – eu estava a quatro meses fora do Chile e meu dinheiro tinha acabado.

Isso acertado [a questão do salário], então eu disse: “vocês me passem onde está a biblioteca para eu começar” – eles estavam entrando de férias, todos entraram em fevereiro – “já que eu estou aqui, preciso que vocês me paguem adiantado. Além disso, eu preciso saber onde estão os livros para eu estudar e tentar entender o que é isto exatamente, a Medicina Social”. Eles disseram que tudo bem, combinaram comigo no Pedro Ernesto, no dia seguinte. E este primeiro contato com o meu novo lugar de trabalho foi bastante impactante para alguém que não gostava de medicina, pois cheguei lá e a sede do Instituto era embaixo do biotério da FCM [Faculdade de Ciências Médicas], e naquela hora pelo menos, os bichos não paravam de gritar, o que me pareceu incompatível com uma atividade intelectual. Mas resolvi seguir em frente, e entrei na sala da Nina: lembro que tudo era extremamente precário, mas logo percebi que se tratava de um grupo de pessoas muito unidas e muito entusiasmadas – isso era uma coisa muito legal que todos eles tinham [o entusiasmo]. Depois das apresentações eu me lembro de haver perguntado à Nina: “então, estamos combinados, vamos começar assim: onde está a biblioteca?”, e a Nina respondeu: “está aí, atrás de você”. Outra cena inesquecível: era um armário de um metro de altura por meio metro de largura e talvez contivesse no máximo uns 10 ou 15 livros. Aquela era a biblioteca. “Essa é a biblioteca do Instituto?”. “Sim, essa é a biblioteca”. “Então tá bom. Tem como pedir a alguém para empacotar os livros e mandar para a casa do Arlindo, pois vou ficar lá esse mês de fevereiro” – ele estava viajando e

me emprestou muito gentilmente a sua casa – “e eu vou ler isso aí para ver no que posso ajudar vocês”. Então, é assim que tudo começa: era fevereiro, fazia um calor insuportável e eu fiquei fechado na casa do Arlindo, lendo... e ali passei um mês, lendo todas as coisas que me passaram: Epidemiologia, Antropologia, Neurologia, Demografia... já nem lembro mais o quê... só lembro que eram todos assuntos com os quais me relacionava muito mais porque, além de tudo, eu era extremamente hipocondríaco. Mas, disciplinadamente, li toda aquela bibliografia e, depois das férias deles, nos reencontramos, e começamos a trabalhar juntos, sobretudo com a Nina e o Hésio. Só depois, aos poucos, eu fui conhecendo as outras pessoas que estavam no Instituto, alguns dos quais também estavam começando a trabalhar ou estudar no IMS.

Discutíamos intensamente, com Hésio, a Nina e, às vezes, até onde lembro, o Reinaldo. Logo no início lhes apresentei o que havia pensado durante aquele mês de leituras, e como eu achava que seria possível montar a pós-graduação e o mestrado, em particular, tentando incluir todos os temas e questões que eu achava que tinham mais relevância. É óbvio que eles tinham a visão deles e daí nasceu uma interlocução extremamente profícua, do meu ponto de vista, de onde foi nascendo paulatinamente aquilo que viria a ser o programa e a grade do primeiro curso de mestrado do Instituto de Medicina Social, que começou a ser ministrado exatamente no mês de agosto de 1974. Discutimos durante todo o primeiro semestre e no início do segundo semestre demos as aulas propriamente ditas.

Lembro que nesta primeira turma de alunos havia também um grupo de 3 ou 4 bolsistas centro-americanos, financiados pela OPAS [Organização Pan-Americana de Saúde], se não me falha a lembrança. Bem, em agosto começou o curso [disciplina]. Creio que a primeira disciplina a ser ministrada chamava-se, “Determinação Social da Doença” e a primeira turma – que foi a primeira turma do IMS - incluía todo o pessoal da casa: o Hésio [Cordeiro], o Reinaldo [Guimarães], o Zé Noronha [José Carvalho de Noronha], o Regazzi [João Regazzi Gerck] e os 3 centro-americanos. Desta turma primitiva só a Nina não fez o curso regularmente. Este foi o primeiro curso ou disciplina ministrada na pós-graduação do IMS, e, se não me engano, fui eu quem deu esta aula “inaugural”, que tinha, ainda, o Jurandir [Freire Costa], como professor.

**[LG] Vocês dois foram responsáveis por esta primeira disciplina, então?**

[JLF] Até onde alcança minha memória, sim...

**[LG] Como foram chegando os outros professores?**

[JLF] Lembro-me, agora, que quando cheguei havia também um casal de sociólogos, Edmundo (?) e sua esposa [recuperar nomes], que saíram logo em seguida para ir para a Unicamp. Por ordem de chegada, acho que o primeiro “estrangeiro” que chegou depois de mim, foi a Madel [Luz], que vinha de um mestrado na Bélgica. Um pouco antes dela ou um pouco depois chegou o Ricardo Tavares, que havia feito pós-graduação nem demografia no Chile e que também teve que sair de lá e voltar para sua casa em Pernambuco, de onde, depois, veio para o Rio. Depois da Madel e do Ricardo, veio o Jurandir, que estava chegando da França, onde estava fazendo o doutorado; Discutíamos tudo em conjunto e nos pareceu ótimo abrir as portas à Psicanálise. Depois, entrou, por um tempo não muito longo – não sei se em 74 ou 75 – o Roberto Machado, que era filósofo, e um estudioso de [Michel] Foucault.... Depois, quem mais? A Maria Andrea Loyola já entrou um pouco mais para frente. Nosso desejo era abrir uma área de pesquisa em ‘medicina popular’ e convidamos a Ligia Sigaud, antropóloga do Museu Nacional/UFRJ, que já faleceu. Mas ela estava sem condições na época e sugeriu o nome da Maria Andrea, que era mineira, trabalhava em SP e havia se doutorado na França. Não tenho certeza se a Maria Andrea entrou em 75 ou 76, mas ela rapidamente se incorporou a este grupo que compunha o núcleo intelectual dos “estrangeiros” que aportaram ao IMS.

**[LG] Deixa eu te fazer duas perguntas, retomando alguns pontos do que disseste: sobre o Arlindo, a mediação com o Arlindo se deu através do Partido Comunista?**

[JLF] Não, com certeza não, o Arlindo não era do Partido Comunista. Eu mesmo não era do Partido Comunista. Nosso encontro foi casual, como já contei. Eu acho que o Arlindo havia colaborado com a Nina e com o Hésio no

período “germinal” do Instituto. Com relação aos demais membros do IMS eu não tinha nenhuma informação sobre suas eventuais militâncias partidárias, naquela época. O que eu lembro, sim, é das minhas impressões iniciais, em particular da Nina e do Hésio, de quem vim a me transformar em grande amigo. Nina, por exemplo, me parecia ter uma cabeça mais “estratégica” e “ousada”, enquanto o Hésio era um líder mais conciliador, agregador. A Nina era a pessoa das grandes “iniciativas” e “inovações”, e o Hésio era o cara que conseguia fazer as coisas acontecerem... Essa é a lembrança que guardo. Acho que foi ela que juntou muita gente para ajudar na concepção do IMS. Por exemplo, me lembro dela me falar da colaboração inicial do [Carlos] Lessa, e, inclusive, de ter ido a São Paulo para obter o apoio do Fernando Henrique Cardoso que, na época, era um canal importante para obter recursos, sobretudo de organizações norte-americanas, como a Ford Foundation.

**[LG] Quería ouvi-lo mais sobre a Nina: pela sua fala, parece que ela tinha algo de visionária... foi ela quem imaginou este corpo docente e de ideias do Instituto?**

[JLF] Acho que sim, hoje olhando para trás, acho que sim. Mas isto não significa diminuir a importância dos outros “pais fundadores”. Acho que todos eles foram muito importantes, cada um à sua maneira. Contudo, estas são impressões pessoais. O Hésio foi muito importante e, com certeza, em algum momento o Moyses Szklo – que eu conheci muito pouco, porque não coincidi com ele no tempo, e só o conheci posteriormente, de forma muito passageira. Hésio e Nina faziam uma boa dupla: ela agitava, tinha sacações e chutava a bola para a frente; e o Hésio trabalhava na viabilização das coisas, e muitas vezes era obrigado a juntar os pedaços das vidraças que, às vezes, se quebravam. Essa é a lembrança que tenho dessa dupla. Depois, nós passamos a compor uma espécie de trinca, um grupo mais amplo que funcionava de forma extremamente harmoniosa, apesar de nossas gigantescas diferenças individuais. Durante um tempo, a minha relação mais próxima era com Nina e Hésio, mas logo depois me fiz bom amigo do Reinaldo, do Regazzi e dos demais membros deste “núcleo central”, que governou o IMS, em última instância, durante uns 15 ou 20 anos. Discutíamos e conversávamos muito, no

IMS e por todos os botequins de Vila Isabel, mas também no Lamas, no Degrau, no Adegão Português, e por aí vai...

**[LG] Você poderia falar mais sobre essa sua caminhada, que inclui estudos sobre Medicina Social, propostas de construção de uma pós-graduação nessa área... Como foi “pensar” o campo?**

[JLF] As minhas lembranças do Instituto são as melhores possíveis, apesar de eu não gostar de médicos, hospital e essa coisa toda... Mas, talvez até por castigo, acabei casando com uma médica... Sobre a questão acadêmica, uma das melhores coisas que tivemos no IMS, te digo sem sombra de dúvida, um primeiro traço fundamental, que deixou a marca no Instituto, foi a total heterodoxia da concepção. Não tinha nenhum modelo, nenhum programa, fomos pensando a partir de certas ideias fundamentais, que vinham da preocupação com o social, com a igualdade, com a universalidade... algumas outras do ponto de vista da interpretação e discussão da doença e outras ainda do ponto de vista da organização e planejamento da assistência médica. Então, a heterodoxia vinha de uma multi... Não gosto deste termo: “multidisciplinar”... Eu diria que eram múltiplos enfoques, que nenhum nunca se submeteu ao outro, nenhum nunca foi inteiramente hegemônico. Isso permitiu um diálogo que, talvez, tenha sido a coisa mais importante, a verdadeira marca diferencial do IMS. Mas, atenção: eu acho que esta marca do Instituto tampouco veio apenas desta multiplicidade de contribuições intelectuais, veio também do lado afetivo e da adesão pessoal, emocional, de todos ao projeto coletivo. Todos ‘vestiam a camisa’ e se orgulhavam do IMS, que era pequeno mas era extremamente original e guerreiro, e extremamente carinhoso e receptivo com todo tipo de divergência, com todo tipo de inovação e ousadia intelectual.

**[LG] Você era um dos marxistas do grupo, naquela época?**

[JLF] Acho que não, nunca me considerei propriamente um marxista, no sentido corrente da expressão. Sempre tive uma relação com o marxismo afetuosa e de interlocução permanente, mas acho que nunca fui um marxista ortodoxo, como nunca fui um cristão ortodoxo. Sempre fui excessivamente

heterodoxo, anarquista e herético para me enquadrar e aceitar alguma escola específica de pensamento, ou militar em algum tipo de organização militante ou religiosa....

**[LG] Digo isso, pois na memória dos professores atuais, você é uma das grandes referências quando se fala em materialismo histórico, no IMS...**

[JLF] Materialista, realista, com toda a certeza, e fanático pela história. Mas um materialista, realista e humanista herético. Mas deixa eu voltar ao tema da marca intelectual do IMS, ou seja, a sua convivência amena com a diversidade de ideias e escolas de pensamento, e o grande envolvimento afetivo dos seus professores e pesquisadores com o próprio projeto do IMS como centro de pensamento e como “vontade de poder”. Acho que esta era a força que mantinha o grupo unido e sempre disposto a discutir qualquer coisa que fosse, na própria instituição ou fora dela, nos botequins ou nas arenas político-intelectuais. Você não pode esquecer que o Brasil estava em plena ditadura e, esta sim, talvez tenha sido uma grande diferença entre a minha própria experiência intelectual e política e a dos meus colegas e amigos que encontrei no IMS. Eles vinham de um período de repressão pesada, durante o governo do General [Garrastazu] Médici, e seguiam enfrentando a perseguição e ameaça policial permanente durante o governo de [Ernesto] Geisel, enquanto eu vinha chegando do Chile, um país que havia vivido uma experiência democrática e reformista absolutamente extraordinária, entre 1964 e 1973, exatamente o período em que fiz lá a minha formação universitária e minha pós-graduação, ou seja, o período em que me formei intelectualmente. Na fase dura da ditadura militar brasileira eu não apenas vivi fora do Brasil, como vivi em um país que atravessava uma fase de extraordinária liberdade e criatividade política e intelectual, antes do golpe de estado do General [Augusto] Pinochet. Uma situação estranha que acabou dando um encaminhamento um tanto “esdruxulo” à formação intelectual e política da minha cabeça de jovem exilado.

De qualquer maneira, acho que esta diversidade foi o que nos permitiu que fizéssemos em conjunto uma espécie de programa intelectual que se revia e se discutia constantemente, levando, inclusive, a remodelações regulares

da grade do programa de pós-graduação que estava constantemente se adequando ao avanço das nossas discussões. Lembro que se faziam reuniões de 'balanço e perspectivas' em todos os finais de ano, das quais participavam todos os professores e alunos. Nestas reuniões, se discutia e se trocavam ideias sobre tudo, inclusive sobre os conceitos mais elementares, como era o caso da pergunta básica - aquela que eu havia feito ao Hésio e à Nina no tal jantar de Copacabana - sobre o que era, afinal, a 'Medicina Social'. E, ainda, o que deveria ser, finalmente, o 'médico social' que nós estávamos querendo formar. Ainda lembro, perfeitamente, da reunião em que se consolidou nossa convicção coletiva: de que se tratava, o médico social, antes que nada, de um 'ser político', um "estratego" da saúde e da assistência médica. Portanto, vivíamos essa discussão e rediscussão... não me lembro de ter dado dois cursos iguais no IMS – bem, isso já é uma tara minha, sempre fui assim. Mas acho que os outros também: iam refazendo, refazendo, rediscutindo, encontrando coisas novas. E esta abertura para a coisa nova, como já disse, era um denominador comum entre todos nós... esse era um traço essencial que tinha o Hésio e também tinha a Nina. Lembro-me, por exemplo, da vez em que levantei a ideia, conversando com o Hésio, da possibilidade e do interesse de trazer o Foucault ao IMS, da ação quase imediata dele. Na época, no Instituto, nós não tínhamos nem telefone, mas ele baixou ao segundo andar, usou um telefone emprestado, se não me falha a memória, e entrou em contato imediatamente com o pessoal da OPAS para ver se eles financiariam a vinda do Foucault, o que eles aceitaram fazer. Pouco depois, o convite foi feito ao próprio filósofo francês, que acabou vindo. Na época, o Hésio e a Nina tinham grande apoio da OPAS, de um amigo argentino que foi fundamental para a viabilização institucional do IMS...

**[LG] O Juan César García?**

[JLF] Exatamente. A OPAS financiou a passagem e a hospedagem e acho que o Roberto Machado que nos ajudou a convidá-lo. O Foucault veio e deu o curso, que depois virou um livro com várias lições sobre a história da saúde pública e da medicina social na Europa. Foram cinco ou seis conferências que marcaram a história da nossa própria *pensação* e das sucessivas gerações que

depois passaram pelo instituto. As conferências foram no salão do Hospital Pedro Ernesto, que esteve cheio: foram belas conferências! E acho que o Foucault ficou meio chocado com o nosso grupo... lembro-me que o levamos para comer em uma churrascaria na Tijuca e ele olhava tudo meio espantado: aquela mistura de medicina, churrasco, curiosidade intelectual, vontade política... Tinha algo meio exótico naquele grupo [risos nossos]...

**[LG] Vocês eram um grupo “bagunceiro”?**

[JLF] Acho que “bagunceiro” não é a expressão mais correta, mas, com certeza, era um grupo alegre e disruptivo... Era um grupo ‘para cima’ e ‘para frente’!

**[LG] O Jurandir, na banca de qualificação do meu projeto de Tese, se qualificou, e o seu grupo, como “jovens alegres”...**

[JLF] E acho que ele tem toda razão. Não havia ninguém ‘para baixo’, isso era muito positivo... Depois do Foucault, trouxemos o [Ivan] Illich. Depois, ainda, veio um epidemiólogo social canadense [resgatar o nome], sempre com recursos extremamente precários e alta dose de improvisação... O que era realmente importante, era essa ideia-força de avançar abertos à novidade: “olha aqui: livro novo”... íamos por aqui, por lá, nessa aventura do conhecimento... Isso foi uma coisa fundamental!

**[LG] Vocês sempre se acionavam, diante destas novidades: “leia isso, leia aquilo”?**

[JLF] Isso, isso mesmo. Por exemplo, a Madel seguiu um caminho, as discussões sobre as ‘Racionalidades’... O meu caminho era outro, e por aí foi... Com o Hésio, estivemos mais juntos nestes primeiros tempos: fizemos uma pesquisa sobre as empresas médicas, outra sobre meningite – eu não entendia nada, enfim, mas ajudei...

Agora, outra coisa que considero fundamental, e que foi outro grande diferencial do IMS, em particular até os anos 90, foi a perspectiva que todos

tinham do “poder”, como vontade, como objetivo, como estratégia. Neste sentido é que sempre digo que o IMS daqueles tempos foi uma grande “escola de poder”. Não de governo, de poder. E, neste ponto, talvez tenha ocorrido uma feliz convergência entre o grupo da “casa” e a minha própria experiência no Chile, que me havia feito extremamente preocupado com a resposta sobre ‘o que fazer?’ caso chegássemos a ser governo em algum momento das vidas. Não é que isso fosse uma particularidade minha... eu era uma pessoa que estava no meu segundo exílio aos 28 anos de idade. O importante, neste caso, como eu já disse, era o fato que eu assisti a este tipo de desafio durante os governos reformistas no Chile - primeiro democrata cristão, e, depois, socialista, entre 64 e 73. Eu cheguei no Brasil com esta preocupação na cabeça, muito antes do fim da ditadura: “o que é que se faz quando se tem que governar? O que é que a nossa geração fará quando lhe tocar governar? O que significa um governo democrático e de esquerda numa sociedade e em uma economia capitalista? E, finalmente, como se prepara gente que saiba governar, que saiba dirigir? Não técnicos de governo, mas homens que saibam definir e hierarquizar objetivos de médio e longo prazo, que saibam traçar estratégias, que saibam conduzir os técnicos que operam as burocracias e as políticas”.

**[LG] Li, em outra entrevista sua, um comentário sobre o papel que tiveram os jesuítas na sua formação e no seu interesse permanente pela questão do “poder”. Como foi isto ?**

[JLF] Na verdade, o meu interesse pela política vem de antes, vem do berço, como se costuma dizer. O meu pai foi candidato nas eleições para a Constituinte de 46 e participou ativamente da vida política neste período. E, desde então, mesmo depois que meu pai se afastou inteiramente da vida político-partidária, a política seguiu sendo um assunto permanente na minha casa. Eu nasci e me criei no meio destas discussões que ocupavam os almoços e jantares da minha família. Os Jesuítas aparecem depois, no Colégio em que estudei. O que eu comentei, nesta entrevista a que você se refere, é que eles tinham como objetivo declarado a formação de pessoas que “mandassem”, ou seja: o objetivo de formar intelectualmente homens pra o

exercício do “poder” em qualquer nível ou instância possível. E, neste sentido, é muito provável que tenham tido alguma influência na elaboração da minha paixão intelectual pelo tema do “poder”... não é improvável que isto tenha pesado, também, na minha preocupação pessoal, naquela época, com a formação de pessoas na área da saúde que tivessem este viés do exercício do poder, como já falei anteriormente.

Acho que foi esta mesma preocupação que nos levou a criar, com o Hésio e com o Arlindo, uma pequena organização ou empresa de consultoria que se chamava algo como CAPS, Centro de Administração e Planejamento Social, cujo objetivo fundamental era mobilizar pessoas, cientistas sociais para o exercício da formulação de estratégias e políticas específicas para enfrentar as questões sociais. Nesta época, nós visitamos várias instituições acadêmicas e conversamos com um número muito grande de sociólogos, antropólogos, geógrafos, sanitaristas, etc., levando sempre a mesma mensagem e a mesma proposta: aprendamos em conjunto a governar este país!

Retomando o fio da nossa conversa, foi esta mesma ideia e este mesmo projeto de sair da defensiva, da pura contestação à Ditadura, que nos levou – neste caso, com o Hésio e o Reinaldo – a conceber a formulação de um documento propondo a criação de um sistema unificado e público de saúde para o Brasil. Um documento que levamos para discussão a vários sindicatos e entidades ligadas a área da saúde e que acabamos publicando em 1976. Um documento que você deve conhecer, que chamamos de “A Questão Democrática na Área da Saúde”...

**[LG] Foi construído em várias mesas de trabalho, mas também na mesa do [bar] Botafogo?**

[JLF] Não exatamente, mas também. Nunca tivemos restrições em discutir assuntos sérios nas mesas daquele botequim, que ainda existe na frente do Hospital Pedro Ernesto e que se chamava Nossa Senhora de Fátima... nós o chamávamos, pura e simplesmente, de Botafogo, em homenagem ao time de futebol do dono do bar, e que era muito amigo de toda a turma, incluindo a Nina, o Regazzi, o Tavares, etc.. O Zé Noronha, na década de 70, participava menos de todas estas coisas. Nós convergimos mais a partir dos anos 80. Na

minha lembrança - posso estar enganado -, nos anos 70, o Noronha esteve ligado à outra linha de trabalho e de experimentação do IMS, mais próxima da ideia e do projeto dos 'médicos descalços', cuja concepção era mais 'basista', de contato direto com a população, de influência chinesa, mesmo depois do fim da 'revolução cultural'. Nesta época, inclusive, o José Noronha vivia pessoalmente em Austin, em Nova Iguaçu, próximo a sua área de trabalho. Por isto, neste tempo, o Zé Noronha não pertencia diretamente ao núcleo duro dos 'estatistas'. Eram duas concepções bastante diferentes de 'poder' e de 'luta pelo poder'. Nos anos 80 estas duas vertentes convergiram em torno do projeto de criação do SUS, a partir do momento em que o Hésio Cordeiro foi escolhido para presidir o INAMPS [Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social], em 1985, e iniciou, a partir daí, a construção do SUDS [Sistema Unificado e Descentralizado de Saúde], o que seria o embrião do SUS, criado somente depois da Constituinte de 88.

**[LG] Sobre as construções político-institucionais de vocês, que passaram por mesas de bar, parecia haver, em convivência harmoniosa, uma dimensão institucional e uma dimensão informal...**

[JLF] Com certeza, elas se prolongavam e se alimentavam mutuamente. Daí vinha a alegria da turma, vinha a troca de ideias, que ia se alimentando dessa dinâmica. Neste caso, acho que se pode dizer que a gastronomia contribuiu de forma decisiva e positiva para a criação de boas ideias.

Voltemos um pouco para trás, para que eu possa te falar do que considero ser uma terceira marca decisiva do IMS, naquele período. Que fez e ainda faz diferença até hoje, tenho a impressão. O fato de que o IMS tenha se transformado, informalmente, num *think tank* ou, talvez, mais precisamente, numa 'escola de poder'. Se você fizer um *follow up* das turmas que passaram pelo Instituto, você verá que, desde 1974, existe um número altíssimo dos seus alunos que vieram a ocupar cargos importantes e em momentos decisivos na condução das estratégias e das políticas de saúde, a nível federal, estadual e municipal. E isto não foi e nem é um puro acaso. Do meu ponto de vista, é a prova de que a formação do IMS alcançou um grande sucesso, não apenas na pontuação da CAPES, mas, antes disto, na formação dos homens que vieram

a dirigir ou a ocupar cargos decisivos no INAMPS - um presidente e várias diretorias -, no Ministério da Saúde - dois ministros e vários diretores -, na Fundação Oswaldo Cruz, que já foi presidida por dois ex-alunos do IMS e já teve vários outros diretores também formados em Vila Isabel, assim como secretário de saúde estadual - como foi o caso do Zé Noronha, no Rio de Janeiro -, e vários de outras secretarias municipais pelo Brasil afora. E, na própria CAPES, que recentemente deu nota 7 ao IMS, e que foi presidida diretamente pela Maria Andrea Loyola, no início da década de 90.

Na verdade, durante as décadas de 70, 80 e até 90, o IMS foi uma 'escola de poder' de extraordinário sucesso. Foi ali que se concebeu o SUS, e dali saíram as pessoas que começaram a construção do maior sistema universal de saúde pública do mundo. Se você olhar bem, é até um pouco desproporcional, porque nos anos 70 eram não mais do que uns 15 professores no núcleo duro do IMS, e também poucos alunos... a verdade é que esta turma fez muito barulho e deixou uma herança importante que não pode ser esquecida jamais.

**[LG] Comparativamente, o IMS parecia uma 'escola de formulação', já a ENSP [Escola Nacional de Saúde Pública] tinha que lidar com as contingências do Sistema. Estou certo?**

[JLF] De fato, o IMS não tinha compromissos governamentais e podia pensar 'na frente', de forma disruptiva. Situação diferente da ENSP, que era uma escola grande e muito importante, fazia parte diretamente do Ministério da Saúde e, portanto, do governo. Na verdade, estava mais para uma 'escola de governo', que preparava excelentes técnicos e administradores. Diferente do IMS, que foi uma 'escola de poder', que preparava 'estrategos' e que era uma escola crítica, uma escola absolutamente heterodoxa e, portanto, tinha toda a agilidade para correr na frente, mais ou menos como o coelho e o elefante: eles vão devagar, 'pesadões', uma instituição importantíssima, mas pesada, enquanto o Instituto era uma instituição mais rápida, com pessoas de várias áreas...

**[LG] Essa relação com a FIOCRUZ envolveu algum tipo de disputa dentro do chamado 'Movimento Sanitário'?**

[JLF] Talvez, não sei te dizer. Nunca me liguei muito neste assunto, nem nunca prestei muita atenção na ENSP, nem tive uma relação pessoal mais estreita com o Sérgio Arouca. Acho que ele veio de Campinas no final dos anos 70, depois parece que esteve alguns anos na Nicarágua, e só chegou de fato aqui, no Rio e neste ambiente que estamos falando, até onde alcança minha memória, por volta de 1981 ou 82. Depois ele adquiriu uma liderança grande na ENSP, na FIOCRUZ. Mas sobre essa relação, não me parece que tenha tido alguma influência no ritmo e na direção das atividades intelectuais do IMS e na própria trajetória política de alguns professores do Instituto. O Hésio, até chegar à presidência do INAMPS, junto com um grupo significativo de outros professores e alunos do IMS, que participaram junto com o Noronha na criação do SUDS, na gestão do então ministro da Previdência Social, o senhor Raphael de Almeida Magalhães... articulação com um ministro que pode parecer um pouco estranha, pois se tratava de um velho e importante membro da UDN [União Democrática Nacional], do Carlos Lacerda, pelo menos até 1967. Alguma vez eu li, em uma entrevista do Hésio, ele contar que o ministro Raphael Magalhães um dia o chamou e perguntou: “afinal, o que é que vocês têm para propor?”. E, nesta hora, esta turma que vinha do IMS já tinha uma proposta, ainda incompleta, mas cuja direção estratégica fundamental já estava traçada. Acho, aliás, que naquela primeira hora da chamada Nova República, o único grupo e a única área da política pública que tinha uma proposta estratégica pré-desenhada era este grupo da área da medicina social. E foi isto que permitiu que o Hésio e este pessoal, que estava com ele, começassem imediatamente a dar os primeiros passos do que viria a se transformar no SUS.

Ainda lembro das reuniões que fizemos em um colégio de Santa Teresa para formular uma resposta mais precisa à demanda do ministro. Com a participação do Hésio, do Noronha, do Reinaldo, a minha própria e a de um rapaz gaúcho, que se chamava Cristiano Tatcht - que era do setor financeiro da diretoria do Hésio, no INAMPS, e que tinha sido indicado pelo Pedro Simon, se não me engano... Ali, em uma lousa, foi-se discutindo sobre a melhor forma de organização do sistema: se por municípios ou regiões sanitárias, como na Itália, que era a nossa posição; sobre os conselhos e as formas de gestão centralizada e de participação cidadã. Lembro que havia uma pasta rosa ou

verde onde ficava a papelada e creio que era guardada pelo Noronha. Era onde estavam os papéis que alimentavam as nossas discussões, aos domingos, lá nesse colégio. Tudo isso no ano de 1986. Muitas destas ideias iniciais depois foram modificadas durante o período da hegemonia neoliberal e de sua defesa e promoção ativa da municipalização do sistema, a partir do governo Collor...

**[LG] No que vocês perderam mais, na tua avaliação?**

[JLF] Com relação ao projeto inicial? Ele era mais 'centralizante', estatal e universalizante do que depois fizeram. E, sobretudo, ele não era municipalista. Acho que a ideia do municipalismo veio com a unificação das áreas da saúde no Ministério da Saúde, com o Collor, e durante todo o período neoliberal da década de 90, inclusive com o apoio de uma parte significativa da antiga esquerda. Até porque uma parte do antigo Partido Comunista, sobretudo os paulistas, aderiram com entusiasmo às novas ideias neoliberais, como aconteceu com todo o grupo que acompanhou o senhor Roberto Freire...

**[LG] Nesta entrevista, você falou no Instituto como uma 'Escola de Poder'. 'Poder' parece algo caro a você. Em todas as suas produções recentes isso aparece com força, as formulações sobre o 'poder'. Na época em que você participou no IMS, essa teorização sobre o 'poder' já fazia parte do seu horizonte?**

[JLF] Não...

**[LG] Mas a sua passagem por lá teve alguma influência nessa sua teorização sobre o 'poder'?**

[JLF] Com certeza! Com certeza... Várias pessoas já disseram que o intelectual - e eu me considero um intelectual, não um homem de poder -, vive, desde que nasce, *obsessionado* com uma ideia só, ou com um tema só. Certamente, essa foi sempre uma obsessão sobre várias formas, mas não tinha teorização, não. Durante o tempo no IMS, eu pensei o que era adequado à Medicina Social, ao

Estado de Bem Estar Social, essas questões todas... Estratégia em Saúde, Políticas de Saúde e por aí vai... Eu agreguei a isso outra linha de reflexão quando eu passei a trabalhar, também, no Instituto de Economia Industrial [hoje, Instituto de Economia/UFRJ], por conta de um convite do professor Carlos Lessa, para trabalhar junto com ele em uma pesquisa político-econômica sobre o segundo governo Vargas, de 50 a 54. Eu havia feito um curso de mestrado em economia na Universidade do Chile, mas foi só aí que eu comecei a trabalhar também no campo da economia política do desenvolvimento, no início da década de 80. Este foi o tema da minha tese de doutoramento na USP, que defendi em 1985, sobre “a crise do estado desenvolvimentista”. Portanto, eu entrei no IMS em 74, no IEI em 80, e, a partir dos 90, passei a trabalhar e pesquisar especificamente na área de economia política internacional, onde aprofundei cada vez mais meu estudo e minha reflexão sobre o tema do ‘poder’. E eu te diria que foi só a partir de um texto que escrevi (‘Formação, expansão e limites do poder global’) e de um livro que organizei em 1994 (‘O Poder Americano’) que eu assumi inteiramente o tema do ‘poder’ como objeto central da minha investigação intelectual. Portanto, o tema e a preocupação, como disse, veio quase do berço, mas ela só se transformou no objeto central da minha atividade intelectual mais de meio século depois.

**[LG] Nesse período você continuou no IMS, até 2002, não é?**

[JLF] Sim, continuei dando aula, trabalhando, mas me afastei obviamente da atividade político-institucional. Até porque nosso grupo foi expelido pela nova supremacia neoliberal dos anos 90. Voltamos para a academia. Foi neste período, aliás, que o Hésio foi Reitor da UERJ, o Reinaldo e o Regazzi, em distintos momentos, foram sub-reitor e vice-reitor respectivamente, da mesma UERJ. Como você vê, houve um recuo, mas o hábito, ou o viés, do poder se manteve aceso em outros planos e em outras áreas.

**[LG] Como foi o período em que a ‘Escola de Poder’ se foi?**

[JLF] A primeira coisa que você tem que levar em conta é que isto que estou chamando de 'Escola de Poder' não era todo o IMS, nem era uma parte segmentada e precisa do instituto. Acho que era o espírito de um grupo que fazia parte do IMS e creio, posso estar enganado, liderava a instituição ou, pelo menos, era responsável pela sua imagem pública mais conhecida até a década de 90. Portanto, era apenas um grupo de pessoas, e não eram todos os professores do IMS. Mas tinha uma presença muito marcante, dentro e fora da instituição, e esta presença acabava se transformando na imagem pública do instituto. Neste sentido, e delimitando bem a expressão, você pode dizer que na segunda metade dos anos 80, com o início do processo de redemocratização do país, vários membros deste grupo se afastaram da Universidade para assumir postos em organizações estatais dentro e fora da área de saúde. O Reinaldo, por exemplo, foi para a FINEP, num primeiro momento e seguiu uma carreira institucional na área de "ciência e tecnologia". Mas a maior parte dos que saíram foram para o INAMPS ou outros órgãos afins. Mas o Ricardo [Tavares], o Regazzi, a Maria Andreia, o Jurandir, a Madel, e tantos outros que foram entrando depois no instituto seguiram na universidade e no IMS. Já nos anos 90, quase todo mundo voltou para a Universidade. Depois da direção da Maria Andrea, o Noronha, depois o Regazzi e ainda o Tavares foram diretores do instituto. Nesta década, o tema central de pesquisa e preocupação, e a própria imagem pública do IMS, foi modificando-se aos poucos. Sem perder sua qualidade, mas sem o mesmo ímpeto do poder, do meu ponto de vista. É quando o IMS começa a estudar o tema da Aids, questões de Gênero, logo após a criação do doutorado. E é quando expande a sua área de epidemiologia, ajudando a Pós-graduação a alcançar a excelência acadêmica, que alcançou e possui hoje, reconhecida pelo sistema de avaliação da CAPES

**[LG] Sobre a direção da Maria Andrea, na década de 80, e sua reforma acadêmica, você diria que ela reinaugurou a 'Escola de Poder' para dentro da academia?**

[JLF] Não, não vejo assim. A Maria Andreia foi diretora do IMS exatamente no período da "debandada" dos anos 80, e acho que deu uma contribuição

decisiva para a criação do doutorado do IMS, para seu reequipamento físico, e para sua melhoria acentuada nos sistemas de avaliação que foram sendo criados pelo sistema brasileiro de ciência e tecnologia liderado pelo CNPQ e pela CAPES...

**[LG] Você acha que a Gulnar [Azevedo, diretora atual do IMS] reata a tradição política na direção do IMS?**

[JLF] Seria uma arrogância da minha parte emitir opiniões sobre a trajetória do IMS depois que me aposentei, em 2003. De longe, me parece que, de fato, aquilo que chamamos de 'escola de poder', primeiro, perdeu a hegemonia dentro do IMS, depois perdeu fôlego e, finalmente, perdeu presença. Assim mesmo, acho que o Ruben [Mattos], que foi diretor, é discípulo da geração originária e o mesmo me parece ser o caso da Gulnar. Eles não pertencem nem à primeira, nem à segunda, nem à terceira geração de alunos que passou pelo IMS, mas acho que eles pertencem à uma linhagem genealógica que se reforçou ultimamente, com a volta do Mario Dal Poz e do Eduardo Lecovitz ao IMS, depois de uma longa temporada na OPAS e na OMS. O Cid Manso certamente não pertence à esta tradição e vem de uma outra área, a economia, o que não quer dizer que seja bom, nem que seja mal, apenas foi um período de descontinuidade com relação à proposta e à trajetória que estive falando. O IMS deixou de ter aquelas velhas preocupações. Passou a ter outras...

**[LG] Enquanto você esteve lá, não sentiu que a 'escola de poder' estivesse se esfacelando?**

[JLF] Não, acho que não, até porque quase todos voltaram várias vezes até o início dos anos 2000, quando, inclusive, muitos de nós se aposentaram. Os desafios e as tarefas é que mudaram. O SUS já estava criado e funcionava, apesar de todas as suas dificuldades. Seria necessário redesenhar a agenda de preocupações e estudos daquele velho grupo dentro destes novos horizontes e frente a estes novos desafios. E isto nós não chegamos a fazer. E nem sei mesmo se teríamos o mesmo consenso e homogeneidade que tínhamos no passado.

**[LG] Voce é capaz de lembrar as primeiras turmas de alunos do IMS?**

[JLF] Muito pouco. Lembro de certos nomes e pessoas, mas é óbvio que não lembro de todo mundo. A primeira turma foi aquela que te falei, com todo o pessoal da própria casa: Hésio, Reinaldo, Noronha, Regazzi e os centro-americanos. A segunda, creio que foi a turma da Ana Tereza [Camargo], da Telma [Ruth], [Joel] Birman, do Paulo Buss, do Roberto Passos Nogueira, da Célia Almeida e, já não lembro bem, se de um mineiro [Francisco Campos] que depois se tornou bem importante... Já não tenho claro, acho que a terceira turma foi a que teve o Mario Dal Poz, o Eduardo Levcovitz e, talvez, o [José Gomes] Temporão. A turma do Paulo Gadelha e a do Ruben já foi mais tarde, talvez a mesma turma do Ari Miranda, e assim vai... É muito difícil lembrar de tudo... outro dia fiquei impressionado quando soube que já passaram por lá cerca de 1000 alunos...

**[LG] As turmas eram todas pequenas?**

[JLF] Eram, alguma coisa como 15 ou 20 alunos cada. Na verdade, hoje, olhando para trás, me parece claro que foi uma escola de 'elite', de um pequeno grupo com alto nível de exigência com relação a si mesmos. E acho que, na época, já havia esta ideia de que se tratava de uma escola para os 'cabeções', como diz a 'meninada'. Não sei se nós tínhamos esta ideia clara, nem muito menos que nós tivéssemos esta intenção ou objetivo, mas não há dúvida que, na prática, foi isto o que aconteceu. E isto provocava, em geral, uma reação intensa das pessoas que não pertenciam a este círculo mais próximo ao IMS. Aliás, até hoje. Às vezes, noto este tipo de reação quando alguém fala que foi aluno do IMS, como também parece que sei ou sinto na pele quando alguém se formou naquela instituição...

**[LG] Voltando a sua relação pessoal com a questão do 'poder'...**

[JLF] Quando eu era menino, pensei e desejei fazer carreira política. Mas, acho, que meu exílio precoce liquidou esta pretensão e desviou meu interesse

para o plano puramente teórico e intelectual... O 'Poder' passou a ser um tema da minha reflexão intelectual, quase obsessiva, mas jamais voltei a ter interesse em exercê-lo...

**[LG] Considero impressionante vocês terem formulado uma 'Escola de Poder' e isso ter se concretizado como exercício do Poder: basta ver o campo da Saúde Coletiva, a gestão política e administrativa do Sistema de Saúde....**

[JLF] Hoje, eu também acho isso impressionante. Mas, me tomou tempo assumir plenamente que nossa experiência no IMS foi um grande caso de sucesso. Muitas vezes, muitos de nós tivemos dificuldade de aceitar plenamente o nosso próprio sucesso coletivo. Nós nos propusemos formar estrategos para o exercício do poder na área da saúde, os formamos e eles exerceram esta capacidade, em geral, com alta proficiência. Nós, aos poucos, fomos clarificando o nosso próprio conceito do que era Medicina Social e do que deveriam ser os médicos sociais. Acho que conseguimos aproximar nossa grade acadêmica de nossos objetivos, e formar pessoas consistentemente.

**[LG] Como eram feitos os convites para participar do Instituto, da 'Escola de Poder'? Eram feitos no modo 'boca-a-boca'?**

[JLF] Não sei te dizer, mas é provável que sim. Pelo menos nos primeiros tempos, em que Nina conduzia as coisas de forma mais pessoal, com base no seu carisma e na sua liderança. Nesta época, pelo que me contam e do que lembro, Nina costumava convidar e estimular as pessoas de quem gostava para que seguissem o caminho da Medicina Social. Creio que foi assim com a Ana Tereza, que depois me contou a história dela, que agora já não lembro muito bem. Não tenho certeza, talvez também com o Noronha. E, com certeza, todos nós, os 'estrangeiros'. Nina tinha essa coisa de 'capitã' do time, ela era muito sedutora e muito forte! Tenho uma boa lembrança dela... ela não era uma intelectual no sentido acadêmico, ela nem quis fazer o curso de mestrado. Ela o construiu e não o fez... nem tirou o título...

**[LG] Você vê paralelos entre a formulação do IMS e a do PEPI/UFRJ [Programa de Pós-Graduação em Economia Política Internacional], Programa que você também ajudou a construir?**

[JLF] No que me diz respeito, procurei, de novo, combinar heterodoxia, heresia, multidisciplinariedade, etc.. Mas não há o componente grupal do 'poder' e a questão do 'vestir a camisa'. É uma coisa que não nasce todo dia, nem se cria simplesmente com a vontade de fazê-lo. Aqui, eu também voltei a participar da proposta, do programa, etc., mas a tal da 'amorosidade' de que falei anteriormente, e que havia no IMS, não 'cai do céu'. Acho que agora está nascendo, por aqui, uma nova geração, pouco a pouco, um grupo pequeno que 'veste a camisa': tem curiosidade, tem interesse, 'toca o barco'... Agora está para sair a primeira revista de Economia Política Internacional, ou seja, o PEPI vai ter uma revista... Os nossos alunos são diferenciados, todos notam isso. Essas coisas vão marcando... não é que você queira isso, mas vai acontecendo porque as pessoas ouvem que tem um programa que é meio confuso mas é criativo, é inovador, e seus alunos são inteligentes e pouco burocráticos.

**[LG] Em alguns momentos da entrevista, você falou da sua experiência como dirigente na gestão do Instituto como um espaço de formação. Mas queria ouvi-lo sobre a experiência de dar aulas para as pessoas da Saúde. Você é um intelectual, com uma cosmologia muito complexa, fazendo relações que não são óbvias para um conjunto de pessoas da saúde, um setor muito específico, com formação bem limitada. Como foi isso?**

[JLF] Por alguma razão, talvez nem eu saiba exatamente qual, sempre trabalhei em instituições que não eram propriamente as especializadas nos assuntos em que me formei, na universidade. Estive sempre na interface, sempre na fronteira: aqui mesmo, veja, estamos cercados por economistas por todos os lados e eu estou coordenando um colóquio sobre a 'guerra' e suas relações com a 'ética internacional'. Imagine você a reação dos economistas mais canônicos [risos nossos]... Comigo, sempre foi assim. No Chile, eu

trabalhei um tempo no Instituto de Reforma Agrária, com o Paulo Freire. Depois, trabalhei um tempo no Instituto de Estudos Urbanos; junto com o Manuel Castels. Depois, foi na Medicina Social. Depois, foi aqui, com os economistas. Poderia ter sido diferente na USP, onde dei um semestre de aulas, de Ciência Política. Mas, logo depois, decidi sair de lá e pedi demissão. Lembro que, na época, um grande amigo de São Paulo me disse com todas as letras: que eu era um louco de abandonar a USP para vir trabalhar numa coisa que eu nem sabia o que era [risos nossos]... “e ir para ir para onde? Para a Vila Isabel...” [risos nossos]. Era impensável para ele, que era cientista político, mas parecia absolutamente natural para mim...

**[LG] Você foi importante no convite a algum outro intelectual para trabalhar no instituto?**

[JLF]. Eu me lembro de ter conversado com a Nina - e, eventualmente, com o Hésio também, mas sobretudo com a Nina -, que sempre perguntava e pedia a minha opinião sobre as pessoas que desejava convidar ou contratar. Não que a minha opinião fosse determinante, mas nós conversávamos, ela me perguntava e eu dava a minha opinião. Meu princípio orientador era sempre o mesmo: há que abrir as nossas cabeças, há que ousar para além dos limites estabelecidos pelas nossas disciplinas. Além da Maria Andreia, a quem convidei pessoalmente nos anos 70, nos anos 80 eu também convidei, para o IMS, o Carlos Lessa. O Lessa deu curso lá, comigo. Não sei nem se foi contratado ou com bolsa... também convidei a Maria da Conceição Tavares, que esteve um tempo trabalhando no IMS. O Luiz Alberto Gomes de Souza, eu levei para lá, com bolsa. Também foi minha a ideia de convidar a Sulamis Dain, antes de ela vir a fazer o seu concurso. Essas são as pessoas que eu lembro de haver convidado para o IMS...

**[LG] Voltando à gênese do Instituto: qual a “estirpe” de Medicina Social que te orientou, a do [Rudolf] Virchow ou a redefinição da década de 70?**

[JLF] A do Virchow e a da sua Medicina de Estado. Era com a que mais me identifiquei naquela época, e a que mais pesou na minha cabeça quando começamos a pensar sobre o tal do sistema único de saúde.

**[LG] E a 'escola de poder' também seguiu essa orientação?**

[JLF] Também...

**[LG] Era o que vocês liam?**

[JLF] Não, liamos de tudo: [George] Rosen, o Virchow., Foucault, [Gaston] Bachelard, [Ivan] Illich, [Karl] Marx, evidentemente, mas também [Max] Weber, etc..

**[LG] E sobre as concepções de Medicina Social do Juan César García, na década de 70, como chegaram até vocês?**

[JLF] Sobre isso eu não sei, não conheci o Juan César. Conheci-o socialmente, não sei qual era a sua concepção de Medicina Social... cada um pensava o que queria: se abria a picada para Foucault, outro abria a picada para o Rosen, outro abria a picada para o Marx, e se via onde levava... Era esse espírito: de aventura intelectual.

**[LG] Nos primórdios, têm algumas figuras que não ficaram registradas com muita nitidez na constelação do Instituto, como o Piquet Carneiro, o Nelson de Moraes e o Mario Chaves. Estas figuras foram importantes no início, mas, hoje, não fazem parte das histórias que são transmitidas...**

[JLF] Eu tenho a impressão que foram muito importantes no nascimento da ideia: da instituição, do projeto, enfim... Eu não estive nos primeiros anos, mas todos sempre disseram e eu mesmo vi, com meus próprios olhos, que o Piquet foi uma pessoa muito importante... Todo mundo era de esquerda e meio comunista. O Piquet era um católico conservador... mas o Hésio era 'mineiro' e fazia conexões e pontes para todos os lados. O que é certo, é que o Piquet os

ajudou muito. Era uma figura de referência fundamental, uma espécie de paizão!

Já o Mario Chaves era gaúcho e trabalhava na [Fundação] Kellogg. Acho que ele foi decisivo para o financiamento dos primeiros tempos do IMS. Eu mesmo, acho que tive meu primeiro contrato financiado pela Kellogg. Foi quando decidi deixar para trás a passagem da UNESCO, que me havia chegado, e ficar aqui no Brasil, no Rio de Janeiro, na UERJ, no IMS e na Vila Isabel...

**[LG] E onde conviveu com médicos durante 30 anos...**

[JLF] É verdade. E tudo começou no famoso biotério da Faculdade de Medicina da UERJ. Há momentos na sua vida que são como roletas: em geral, o passado vai te condicionando as decisões, também nestes momentos o passado pesa, mas são momentos em que você se sente uma bolinha na roleta. Você pode ir para um lado como pode ir para outro completamente diferente. Naquele momento, em 1974, por exemplo, eu estive por um triz de morar em Buenos Aires, por um triz de ir para a UNESCO e para onde ela me mandasse; um triz de ir para São Paulo... de qualquer maneira, é bom você gostar das escolhas que fez [risos dele]... Não há nada pior que você não gostar das escolhas que fez...

**[LG] Nesse sentido, você está bem resolvido?**

[JLF] Sim, sempre gostei do IMS, tenho uma carinhosa lembrança do Instituto.

**[LG] Me parece que é muito caro a ti o trabalho intelectual...**

[JLF] Com certeza!

**[LG] Você considera a experiência no IMS fundamental, neste sentido?**

[JLF] Foi, inclusive porque me ajudou – hoje consigo dizer, na época não poderia perceber isso – a fazer uma espécie de transição, uma ponte, para

chegar ao Brasil, porque eu havia me desligado inteiramente do meu país e, de fato, não pensava em voltar mais para cá. Não sei se viveria no Chile para sempre, mas não cogitava voltar para o Brasil... Eu comecei a fazer militância política secundarista com 15, 16 anos, fui preso com 18 e fui embora do Brasil com 20 anos recém feitos. Nesses anos, eu não estudei nada, não fui a aula nenhuma. Para você ter ideia do meu estado de desligamento do país, quando eu cheguei, em 73, eu tive que responder a um interrogatório do exército. Era uma lista de 150 perguntas, que eles aplicavam a todos que voltavam ao país. Quando eu o respondi, várias vezes eu errei o nome do presidente do Brasil... o interrogador foi se *emputecendo*, pois eu chamava o presidente de “Gueise” [Fiori pronunciava como escrito]. Ele dizia: “não é Gueise, é Geisel [interrogador pronunciava corretamente]!”... até que chegou a um limite e eu disse a ele: “preciso conversar com o senhor: eu acho que essas perguntas são inteiramente inadequadas! Não tenho a menor ideia destas coisas que o senhor está perguntando. Eu vim de fora do Brasil, minha cabeça está fora, não sei nada de história do Brasil, não militei no Brasil, nunca mais li do Brasil”... eu, realmente, não sabia nada. Foi depois disto que, um dia, lembro bem de ter virado para uma pessoa e ter dito: “eu tomei uma decisão: eu vou ser brasilianista!”, e pedi-lhe indicações para começar a estudar o meu próprio país. Foi aí que comecei a ler o básico, ou seja, Caio Prado Jr, Celso Furtado etc.. Lá pelo ano 1975, imagine você, foi quando eu comecei a conhecer o Brasil...

### **[LG] E isso também foi dentro do IMS?**

[JLF] Isso foi. Acho que esse período, que vai de 75 a 80, foi muito importante, no que se refere a transição, em todos os sentidos: aos 28 anos de idade eu estava no meu segundo exílio... aqui, para mim, foi um exílio. Eu vim para cá forçado, do Chile, perdi a família... Não foi um negócio simples. A adaptação pessoal, reajustar a cabeça, reprogramar a vida e, finalmente, decidir o que é que se vai estudar: “bom, então vou estudar esse país aqui”... Foi assim que comecei a estudar, de tal maneira que, quando o Carlos Lessa me convidou para fazer a pesquisa sobre o segundo governo Vargas, aqui nesta casa, em 1980, eu já estava – mais ou menos – à cavalo das informações básicas: tinha

Império, tinha República... República velha e não sei o que... eu já tinha mapeado esse “feijão com arroz” básico.

**[LG] Na entrevista para a revista Pepianos, você faz uma auto narrativa intelectual. Nela, o IMS aparece muito pouco. Aparece quase como um evento festivo, é a parte mais afetuosa da entrevista. Mas nada referente à sua trajetória intelectual, esta parte você associou a outras instituições, não ao IMS. Esta minha impressão está correta?**

[JLF] Pode ser... Eu tenho certeza que a Madel se debruçou e se envolveu intelectualmente com a questão das Racionalidades Médicas. Foi uma contribuição decisiva. A minha passou mais nisto que venho te falando. Do ponto de vista intelectual, a discussão de Estado, Política Pública, Estado de Bem-estar social, era o *background*, digamos assim, da Saúde... No meu concurso para titular no IMS, caiu uma questão e a minha resposta virou um artigo que eu já não lembrava mais, mas outro dia o encontrei na internet e fiquei absolutamente surpreso, sobre o “Estado de Bem-estar social”. Uma discussão que se articulava com a que vinha fazendo na área de economia política, sobre o estado desenvolvimentista. Era uma “*pensação*” sobre o Brasil: desenvolvimento e desenvolvimentismo, Sistema de Saúde, Política Pública. Foram nestes campos que dei os cursos de sempre. Apenas o primeiro deles, e único, é que foi sobre ‘Determinação Social da Doença’... nem sei o que, na época, eu pensava sobre isso...

**[LG] Era, para você, uma espécie de laboratório intelectual, onde você lançava ideias, interpretações?**

[JLF] Pode ter sido, não era a minha intenção. Não era a minha intenção, nem eu tinha condições, à época, de pensar assim.

**[LG] Conheço casos de professores atuais do IMS que cursaram a sua disciplina 7, 9 vezes... Como você disse, nenhuma era igual a outra...**

[JLF] Isso é verdade, foi sempre uma obsessão minha não repetir meus programas e meus cursos. Exagerando um pouco, eu diria que sempre gostei de dar cursos sobre o que eu não sabia, e não sobre o que eu já sabia. Mas, com certeza, eu sempre tive uma impossibilidade total de repetir dois anos seguidos as mesmas coisas, os mesmos temas, as mesmas palavras.

**[LG] Voltando aos pré-históricos: sobre o Nelson Moraes, você tem memória?**

[JLF] Tenho, claro, imagina... O Dr. Nelson de Moraes era o Diretor quando eu entrei no IMS. O Piquet era o patriarca e o Nelson era o diretor. A minha lembrança dele é ótima... a minha visão dele, à época, era de um homem extremamente afável e absolutamente respeitoso, delicadíssimo, e que acobertava uma iniciativa heterodoxa no campo da Saúde Pública, com plena consciência de que se tratava de um grupo um pouco à esquerda...

**[LG] Ele não participava das discussões de vocês?**

[JLF] Não! Ele dava aula na graduação, ele era responsável por alguma cadeira que não lembro o nome... E ele tinha uma equipe que dava aulas com ele....

**[LG] A direção institucional não tinha nada a ver com o Nelson, ele apenas emprestava o nome, é isso?**

[JLF] Não, acho que não era assim não, mas eu não tinha e não tenho mais informações sobre o assunto. O que é certo é que havia um bom acordo entre eles, e que este acordo funcionava muito bem entre eles: o Dr. Nelson, a Nina e o Hésio....

**[LG] As questões do Sesp [Serviço Especial de Saúde Pública] e do Ministério da Saúde nunca entraram no cotidiano de vocês?**

[JLF] No meu cotidiano não, nunca... eu jamais estive em uma reunião com o Nelson. Nós nos cumprimentávamos cordialmente, mas não lembro de ter tido nenhuma reunião com o Nelson Moraes...

**[LG] O IMS tem uma autonomia administrativa que me remete à experiência do Sesp. Como o Mario Chaves e o Nelson Moraes foram do Sesp, fico imaginando o quanto essa experiência administrativa influenciou a construção do Instituto...**

[JLF] Pode ser... É algo anterior a mim, eu não soube a maneira como eles foram transitando daquela disciplina de Higiene até chegar a uma Unidade Acadêmica. Este não é um processo trivial. Esse processo, aqui na UFRJ poderia levar uns 20 anos...

**[LG] Vai ser bem difícil escavar essa história... Para concluir a entrevista, gostaria de saber se, na fase inicial do Instituto, ele serviu como um espaço de proteção à militantes de esquerda, um refúgio, uma área de segurança em relação ao regime?**

[JLF] Pode ter sido, mas com certeza o foi de maneira informal e indireta. Eu não sei se o Hésio foi preso, por exemplo, nem tampouco a Nina. Sei que o Reinaldo havia sido preso, anteriormente E sei, também, que para mim foi um refúgio, mas no sentido amplo e informal do termo. Lembro que o Coronel que me interrogou quando voltei ao Brasil e a Porto Alegre, no final do interrogatório me perguntou: “para onde é que você vai?” – no final, até que ele foi delicado -; eu disse: “para o Rio de Janeiro”; e ele me retrucou, “você vai para o Rio de Janeiro, aquela ‘cultura de areia’! Vá para São Paulo, lá que está a vida e a inteligência brasileira séria”. Eu, nos meus bons 28 anos de idade, respondi a ele: “sabe o que é, Coronel: tudo que eu estou querendo neste momento da minha vida, é uma cultura de areia, de uma praia para deitar e descansar, porque me sinto extremamente cansado ao ter que recomeçar a minha vida de novo, pela terceira vez, em 28 anos!” [risos nossos]... Aí ele ficou meio atônito e fechou com um “passar bem!”. E ainda me deu uma carona para a casa do

meu pai, que vivia em Porto Alegre [risos nossos]... Para mim já tinha dado, eu estava muito cansado, naquela altura da vida...

**[LG] O Partido Comunista não fazia parte da constelação de vocês?**

[JLF] Da minha, não....

**[LG] Na conexão com o Instituto, eles indicavam pessoas para passar por lá?**

[JLF] Não tenho a menor ideia, mas tenho a quase mais absoluta certeza que não. Eu nunca tive qualquer relação com o Partido Comunista, e, se alguns dos professores do IMS a tiveram, ela nunca pesou ou se manifestou na nossa relação e na nossa convivência intelectual, institucional ou pessoal.

**[LG] Esse grupo da ‘Escola de Poder’ foi coeso enquanto durou?**

[JLF] Acho que sim. E o fundamental é que nunca houve ninguém que mandasse em ninguém... Neste sentido até poderíamos dizer que era uma estranhíssima ‘escola de poder’ anarquista... quase uma contradição em termos..

.

**[LG] As lideranças nunca entravam em choque?**

[JLF] Muito pouco,. Não mais do que o normal em qualquer grupo de pessoas adultas e um tanto anarquistas. Eu te diria que havia uma espécie de acordo implícito: ninguém manda em ninguém... um acordo costurado por uma ‘vontade de poder’ que havia em comum, uma espécie de fraternidade na paixão pelo poder que durou muito, ou durou o suficiente para ter sucesso sem chegar a gerar as lutas internas que acompanham, em geral, as vitórias na luta pelo poder.

**[LG] Professor, vou encerrar a entrevista. Muito obrigado por tudo.**

**\*\*\*\***